



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

# HOMILIA

## XIII DOMINGO DE MATEUS

*Λίθον ὃν ἀπεδοκίμασαν οἱ οἰκοδομοῦντες, οὗτος ἐγενήθη εἰς κεφαλὴν γωνίας· παρὰ Κυρίου ἐγένετο αὕτη, καὶ ἔστι θαυμαστή ἐν ὀφθαλμοῖς ἡμῶν;*

Já em Jerusalém, depois de sua entrada triunfal e antes de sua paixão, o Senhor conta a presente parábola pela qual descreve sua missão na terra que logo alcançará seu aspecto mais dramático com sua paixão e morte.

É claro que, a descrição de que é uma **profecia-revelação** está velada através deste gênero pedagógico, embora os versículos 43-45 façam aberta referência ao conteúdo da mesma: «*Por isso vos afirmo que o Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que o fará produzir seus frutos. Aquele que cair sobre esta pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair, ficará esmagado*».

Em muitas oportunidades tenho me referido à atitude do **Cristo-Messias** em relação ao *establishment* religioso da época. Tema **controverso, confrontativo e apologético**. Por isso, lhe custará a vida: «*Ouvindo as suas parábolas, perceberam que se referia a eles. Procuravam prendê-lo, mas ficaram com medo das multidões, pois que elas o consideravam um profeta*» (Mt 21:45-46).

Na verdade, este advento do Reino na pessoa do **Cristo-Messias** supõe uma oposição direta e conflitante contra a classe religiosa da época que ostentava a propriedade da «**Herança**» de uma forma que, em vez de projetá-lo com a abertura e profundidade necessárias a todos os homens, mantinham-na fechada nos limites humanos - e certamente apaixonados -, em vez de uma experiência libertadora, sem dúvida um fardo insustentável: «*Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entráis nem deixais entrar aos que estão entrando (...) Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós*» (Mt 23: 13-15).

Obviamente, Jesus se opõe à **hipocrisia** e à **incoerência** da casta religiosa que liderava o Povo de Israel em nome do próprio Deus. A deturpação é tal que necessariamente a relação entre Jesus e a liderança, a **institucionalidade religiosa** da época - salvo poucas exceções - só pode ser de oposição aberta, de denúncia constante, de censura invariável por parte de Jesus e, da contraparte, de conspiração e de complô para eliminar esse personagem que veio para minar os fundamentos de seu ensino e a essência de suas práticas: *«Então os príncipes dos sacerdotes, e os escribas, e os anciãos do povo reuniram-se na sala do sumo sacerdote, o qual se chamava Caifás. E consultaram-se mutuamente para prenderem Jesus com dolo e o matarem. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja alvoroço entre o povo»* (Mt. 26: 3-5).

Certamente, dentro das muitas patologias ligadas à religião (e não posso deixar de lembrar aqui o grande Romanides referindo-se à doença da religião!), a **hipocrisia** e o **fanatismo** são bem conhecidos, uma vez que facilmente prosperam em um terreno cultural fértil que favorece seu desenvolvimento e expansão.

Esse terreno fértil, segundo Christos Yannaras, é um *«impulso inato, uma necessidade instintiva e, por definição, necessariamente é antropocêntrico. A religiosidade humana, continua ele, é um aspecto do instinto de autopreservação que busca proteger o indivíduo da insegurança e fobias produzidas pela ignorância, diante do medo e do terror em relação à morte. A religião ampara o homem com ‘convicções’ metafísicas, com ‘princípios morais’, com a segurança da eterna extensão de sua existência. Alimenta o superego, oferece autoconvicção, auto complacência hedonista, narcisismo sacralizado<sup>1</sup>»*.

Desse ponto de vista, a hipocrisia, a dupla moral, o juízo e o fanatismo são centrados no próprio indivíduo que necessariamente exalta a religiosidade através da justificativa do egocentrismo, que é a **auto salvação**: desta forma esse instinto natural - próprio da natureza caída do homem pós-adâmico - projeta **auto referencialidade**, uma qualidade fundamental do «farisaísmo»: *«Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade»* (Mt 23:27-28). **Porque no fenômeno religioso, mesmo que pareça estranho e controverso, Deus é deixado para segundo plano.** A prioridade - axiológica, moral, canônica - e todo o sistema teísta baseado no instinto **antropogênico-egogênico** descrito anteriormente, põe necessariamente o homem em primeiro lugar e tudo mais gira em relação ao mesmo, inclusive Deus.

O «Reino» inaugurado por Jesus, o Cristo, ao contrário, não é uma nova religião nem vem reivindicar esse impulso da natureza adâmica caída, mas, pelo contrário, vem para curá-lo através da «revelação», ou seja, vem por **iniciativa** divina através da **ação de «dar-se»** e, assim, inaugurar um «evento» primordialmente anti-egótico, isto é, um

**evento** social e, portanto, «**eclesial**», em que a premissa não é mais «**religar-se**», mas «**relacionar-se**».

Este proclamado e vivido «Reino» é um evento **multidimensional, relacional-transcendental**: Deus se esvazia, se mostra, dá-se, compartilha-se, entrega-se a cada um dos homens para que estes, por sua vez, o imitem de forma análoga com seus próximos e com toda a criação. A existência, então, faz-se **coexistência**; o egocentrismo, o narcisismo, torna-se abertura contínua para o outro; a insegurança torna-se confiança; convicção na fé; o medo em audácia; enquanto o instinto de autopreservação sucumbe à autoconsciência de se intuir imagem e semelhança do próprio Criador.

Restam evidentes o violento choque e a oposição irreconciliável entre o «Reino» e a percepção religiosa dos líderes da época, que rejeitaram categoricamente a «Pedra» que era na verdade a pedra angular de toda a Tradição, a traíram limitando-a e acomodando-a à sua própria medida.

---

<sup>1</sup>. GIANNAPA, X., *Έναντια στη θρησκεία*, Ίκαρος, Αθήνα 2006, pag. 19.